

Eficácia de um questionário de autopercepção como instrumento de triagem das habilidades auditivas.

Tamíris Ap. N. de Oliveira*, Samantha D. C. B. Plotegher, Nádia G. de Carvalho, Maria Isabel R. do Amaral

Resumo

O objetivo deste trabalho consistiu em analisar e discutir sobre a eficácia de um questionário de autopercepção, aplicado nos escolares e seus pais e/ou responsáveis. Como conclusão, o questionário foi considerado um instrumento adequado para distinção dos grupos estudados. A aplicação em uma bateria de triagem é recomendada quando combinado com outros procedimentos de triagem das habilidades auditivas.

Palavras-chave:

Processamento auditivo central, questionário, criança.

Introdução

Considera-se importante a detecção e a intervenção precoce de problemas auditivos e os atuais *guidelines* da área têm recomendado o uso de comportamento auditivo como ferramentas auxiliares de triagem¹. A pesquisa teve como objetivo analisar a eficácia de um questionário de autopercepção, aplicado em escolares e pais e/ou responsáveis, como instrumento de triagem das habilidades auditivas e comparar com o resultado da avaliação comportamental do PAC.

Resultados e Discussão

Estudo: Prospectivo, descritivo (CEP nº 1.538.278)

Critérios: Crianças de ambos os gêneros, idades de 6 a 9 anos, sem diagnóstico de alteração no desenvolvimento e/ou neurológicas. Após a coleta foram divididas em dois grupos com base na avaliação do professor responsável:

Grupo I: 59 crianças bom desempenho escolar

Grupo II: 31 crianças com dificuldades escolares

Procedimentos:

Etapa 1: Triagem auditiva (meatoscopia, imitanciometria) e questionário utilizado na pesquisa.

Questionário de autopercepção:

Baseado no *Scale of auditory Behaviors (SAB)*²

Questões diretas, 12 a 60 pontos.

RISCO: <46 pontos³ e CORTE DA AMOSTRA: base no desempenho do GI (Média-1DP=37,7).

Etapa 2: Avaliação Audiológica Básica e Comportamental do PAC (Teste de Fala no Ruído; Teste de Identificação de Sentenças Sintéticas/Pediátricas, *Random Gap Detection* e Padrão de Frequência). Considerou-se diagnóstico para TPAC o resultado alterado em pelo menos 2 testes da bateria.

- Os grupos foram considerados homogêneos quanto a idade ($p=0,127$), sexo ($p=0,286$).

Tabela 1. Desempenho dos grupos no questionário estudado considerando o escore médio e o corte de normalidade com base no GI (N=90).

GRUPOS	ESCORE MÉDIO	DESVIO PADRÃO (DP)	CORTE DA AMOSTRA
GI (n=59)	45,69	7,95	37,7
GII (n=31)	39,90	9,08	

→ Houve diferença estatística significante entre os grupos de escolares quanto ao desempenho no questionário, onde mediana total foi significativamente maior no GI ($p=0,003$).

→ **Desempenho alterado com base no resultado da avaliação comportamental do PAC:**

- GI: 9 → Com risco: 5
- GII: 13 → Com risco: 8

Tabela 2. Desempenho dos grupos no questionário aplicado aos pais de ambos os grupos.

GRUPOS	ESCORE MÉDIO	DESVIO PADRÃO (DP)	P-VALOR
GI (n=59)	45,40	9,86	<0,001*
GII (n=31)	36,44	11,19	

→ Houve correlação positiva entre as respostas das crianças e dos pais ($p=0,028$) somente para os participantes do GI.

→ Houve correlação positiva entre o escore final do questionário do GII em apenas um único teste da bateria comportamental (Teste de Padrão de Frequência) ($p=0,026$).

Conclusões

O questionário foi considerado um instrumento adequado para distinção dos grupos estudados. A aplicação em uma bateria de triagem é recomendada quando combinado com outros procedimentos de triagem das habilidades auditivas.

Agradecimentos

SAE-UNICAMP.

¹American Speech-Language-Hearing Association. (2005). (central) auditory processing disorders—the role of the audiologist [Position Statement].

²Schow RL, Seikel JA. Screening for (central) auditory processing disorder. In: Chermak G, Musiek F. Handbook of (central) Auditory Processing Disorder: Auditory neuroscience and diagnosis. San Diego, CA: Plural Pub.; 2006. p. 137-61

³Nunes C, Pereira LLD, Carvalho GS. Scale of Auditory Behaviors e testes auditivos comportamentais para avaliação do processamento auditivo em crianças falantes do português europeu. CoDAS, São Paulo , v. 25, n. 3, p. 209-215, 2013